



Sarney e o presidente do México, De la Madrid, conversaram sobre dívida externa

## Denúncia <sup>Sarney</sup> de repórter irrita o presidente

No último dia da visita do presidente brasileiro aos Estados Unidos, a denúncia de excessos cometidos por membros da comitiva oficial deixou Sarney irritado com a imprensa.

Na entrevista coletiva que deu às 8h30min, uma das primeiras perguntas foi feita pela jovem jornalista Renata Loprete, da *Folha de S. Paulo*. "Ontem, vimos vários computadores chegarem para ser entregues em quartos de integrantes da sua comitiva. Esses computadores viajarão no avião presidencial e a entrada deles no Brasil é ilegal. Que tem a dizer sobre isso?", perguntou a jornalista.

A face do presidente transformou-se e sua resposta traiu sua irritação: "O que eu tenho a dizer é que vou passar para a próxima pergunta".

A saída, o porta-voz presidencial, Carlos Henrique, dirigiu-se a Loprete e disse que a pergunta não merecera resposta porque era leviana e fora feita em termos impróprios para uma entrevista com o chefe da nação. Mas vários correspondentes brasileiros nos Estados Unidos interferiram, dizendo que a pergunta era legítima e, se Carlos Henrique não arranjasse uma mais adequada, não estaria servindo bem ao presidente.

Não demorou para que o porta-voz voltasse do 14º andar do Hotel Intercontinental, onde foi instalado o centro de coordenação da visita, com uma nota oficial, cujas cópias distribuiu fartamente. Na nota por ele assinada, Carlos Henrique disse: "Esta secretaria de imprensa considera a denúncia infundada. Nenhum dos membros da delegação adquiriu computadores durante sua permanência em Nova Iorque. O único computador posto à disposição do escritório de apoio da delegação, é de uso da missão permanente do Brasil junto à ONU e já foi devolvido".

Para embaraço de Carlos Henrique, a nota não refletia os fatos. Tanto assim que o porta-voz foi convidado a caminhar até a porta dos fundos do hotel, onde a bagagem da comitiva estava sendo carregada num caminhão. Entre as malas, havia várias caixas novas, e ainda cobertas de celofane, contendo computadores pessoais de várias marcas, de Wang a Toshiba e IBM.

Quando um repórter telefonou ao comandante da Casa Militar, general Bayama Denis, para saber se ele permitiria que os computadores embarcassem no avião da Força Aérea Brasileira que levaria a comitiva de volta, a resposta foi: "Vocês não têm nenhum assunto melhor sobre o qual escrever?" Ele disse também que, diante da informação do jornalista, iria averiguar.

Nas horas que passaram até as despedidas, a maior parte dos membros da comitiva presidencial adotou uma posição mais distante em relação aos jornalistas que tinham feito comentários sobre o contrabando de computadores.

Grande parte das máquinas foi comprada da empresa City Services, de propriedade de um ex-funcionário do consulado brasileiro em Nova Iorque, que os entregou na sala 1.426 do Intercontinental, onde funcionava a coordenação da comitiva. (R.G.)

888 JUN 5 0 5 JUN 1988  
JORNAL DO BRASIL